

ST20 – Mídia, políticas e eleições

Para além das valências: o uso de termos e enquadramentos depreciativos na cobertura da eleição de 2010*

João Feres Júnior

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Lorena Miguel

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

37º Encontro Anual da ANPOCS

de 23 a 27 de setembro de 2013

Águas de Lindóia, SP - Hotel Monte Real

* favor não citar em a autorização expressa dos autores.

Resumo

O viés político da grande mídia brasileira não é novidade. Não são raros os estudos que demonstram tal viés em períodos eleitorais. Não obstante, os grandes jornais continuam a reiterar a suposta imparcialidade e equilíbrio de suas coberturas. Apesar da literatura acadêmica produzida sobre o tema, a análise de como esse viés se dá por meio de diferentes estratégias editoriais está longe de ser esgotada. O presente estudo pretende contribuir com um tópico pouco explorado nessa literatura: o uso de expressões pejorativas em eleições. Analisamos todos os textos publicados por Folha de São Paulo, O Globo e Estado de São Paulo durante o período da campanha eleitoral presidencial de 2010. Além de uma análise de valências, examinamos os enquadramentos utilizados, dando particular atenção para o uso de expressões que rebaixam moralmente um candidato, personalidade política ou partido. Nossa hipótese principal é de que a candidata do PT, Dilma Rousseff, o então presidente Lula e o PT foram alvo de um número marcadamente superior de expressões pejorativas. Entretanto, a título de hipótese auxiliar, os jornais diferiram entre si na quantidade e qualidade do uso de tais expressões.

Metodologia

A base utilizada é composta pelas matérias sobre política eleitoral publicadas nos jornais Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo durante o período da eleição presidencial de 2010. Esse período, determinado pelo TSE, se estendeu de 03 de julho a 31 de outubro, contabilizando 120 dias. No total analisamos 5580 matérias, 1659 do Estadão, 1980 da Folha e 1841 de O Globo).

A metodologia adotada no presente esforço é de natureza mista, quantitativa e qualitativa. Estamos interessados tanto em contar as instâncias de uso de expressões e termos pejorativos, para possibilitar a comparação e a avaliação da intensidade da prática, quanto interpretar o que foi dito. A análise qualitativa irá destacar trechos que os jornais apresentam termos cujo significado tem potencial danoso para as campanhas dos candidatos, partidos ou pessoas relacionadas às campanhas, permitindo formar um panorama da orientação que os três jornais adotaram na campanha presidencial de 2010.

Em um primeiro momento realizamos a análise de todas as matérias publicadas no período eleitoral. Após a identificação de matérias com os termos ou expressões pejorativas, procedemos à codificação de cinco elementos fundamentais: (1) formato do texto; (2) a valência em relação aos atores políticos mencionados; (3) em caso de valência negativa, quem foi o alvo (candidato, partido ou político); (4) uso de voz direta (citações de falas, geralmente entre aspas); (5) em caso de uso de voz direta, identificação de quem cita e do citado e (6) tema(s) principal(is) da matéria.

No tocante à valência, adotamos um sistema de cinco categorias: favorável, contrário, ambivalente, neutro e ausente. As duas mais importantes são favorável e contrário. Consideramos o texto favorável quando ele contém informações favoráveis ao ator político tratado ou a sua campanha ou quando utiliza alguma declaração favorável que tenha papel importante na construção do texto e não tenha sido contestada no próprio texto. A valência negativa foi atribuída quando estava presente no texto crítica direta ao ator político ou a sua campanha ou declaração contrária que tenha sido central para a matéria e não questionada.

Os textos jornalísticos foram também divididos em dois tipos: reportagens e textos de opinião. Há uma razão clara para adotarmos essa medida. O jornalismo moderno reclama para si padrões de objetividade e imparcialidade no trato da notícia, ele inclusive deriva

dessa imagem auto-atribuída grande parte de sua legitimidade social {Tuchman, 1978 #10834}. Um dos procedimentos adotados pelos jornais para se apresentarem dessa forma é dividir o espaço noticioso entre seções de opinião e de reportagem (BIROLI, 2007: 133-4). As reportagens seriam supostamente textos imparciais, que seguiriam estritamente os preceitos de neutralidade e imparcialidade que os jornais apresentam em seus códigos de ética. Já os textos de opinião, por sua vez, apresentariam a opinião da editoria do jornal ou de algum colunista ou convidado. Dessa maneira, a opinião fica aparentemente controlada e circunscrita a um espaço, enquanto na outra parte, a das reportagens, imperaria a objetividade. É preciso ressaltar que ao adotarmos esse procedimento não estamos agindo de forma ingênua, mas sim seguindo um conselho de Michel Foucault, segundo o qual devemos proceder na pesquisa por primeiro aceitar as regras de divisão que o próprio campo se impõe, para depois questioná-las {Foucault, 1986 #3145}.

De qualquer forma, a título de hipótese secundária, esperamos que os textos opinativos utilizem termos pejorativos em maior número e de forma mais clara do que as reportagens respeitando a proporção do número de textos que há nos dois casos.

Para tornar a análise mais clara, dividimos os trechos utilizados em dois grupos: termos pejorativos e expressões pejorativas. Isso é necessário, pois o ato linguístico de denegrir a figura de alguém pode ser efetuado por meio de um amplo rol de recursos semânticos e estilísticos, que vão do uso de um simples termo ou expressão à composição de parágrafos inteiros que contém elementos de pejoração dispersos. Mesmo se nos atemos ao plano semântico, que é o caso aqui, é importante notar que algumas expressões e frases, a despeito de não conterem um termo explicitamente pejorativo, possuem uma carga tão ou mais forte que xingamentos e imprecações mais sintéticas.

Por meio dos procedimentos apresentados acima pretendemos averiguar não somente se houve viés na cobertura midiática, mas como esse viés se deu, pelo menos no que toca a questão específica do uso de TEP.

Hipóteses de pesquisa

A literatura já produzida sobre a grande mídia e a política eleitoral no Brasil mostra que em eleições passadas à presidência houve um pronunciado viés contrário a candidatos do Partido dos Trabalhadores, particularmente a Lula, que concorreu em cinco pleitos presidenciais seguidos .

Assim, é judicioso assumirmos a hipótese da continuidade desse viés na eleição de 2010, ou seja, de que a candidata do PT, o partido e seus políticos receberam um tratamento menos favorável dos grandes jornais.

Resultados

Primeiramente, examinaremos os resultados gerais obtidos no tocante aos formatos, autores, valências, voz direta e temas nos três jornais. Em seguida analisaremos o tratamento dado aos principais atores políticos que na eleição de 2010 foram alvo de TEP: Dilma, Serra, Lula, Índio da Costa, PT e PSDB.

Das 5.580 matérias analisadas, identificamos TEP em 451, o que significa 8,1% das matérias totais. Número significativo quando se considera que TEP, por seu caráter depreciativo, não são usados em qualquer situação, particularmente se há o intuito de se parecer neutro ou imparcial..

No quesito formato, as matérias com TEP foram divididas em cinco categorias, sendo as duas principais artigos e colunas. Somando todos os textos com TEP, na cinco categorias, temos um total de 451, como mostra a tabela 01, abaixo:

Formato	No.	Porcentagem
Reportagem	288	63,86%
Coluna	139	30,82%
Box ou nota	13	2,88%
Carta	7	1,55%

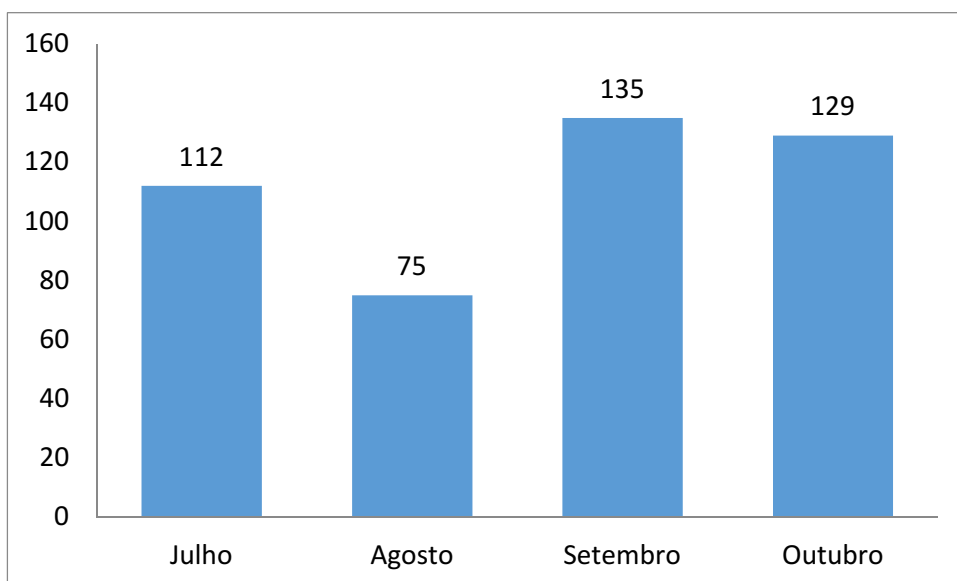
Editorial	4	0,89%
Total	451	100

Tabela 01

Os formatos em que mais ocorreram TEP foram reportagem e coluna. Ocorreu, como esperávamos, uma maior incidência de TEP em textos opinativos do que em reportagens. Das 4.600 reportagens publicadas no período, 288 continham TEP, representando 6,3% do total. No caso das 980 matérias opinativas, esse número foi de 139, o que significa 14,2% do total. Apesar disso, é digno de nota o fato de as reportagens conterem tanto TEP, fato que comentaremos mais a seguir.

É também importante notar que a autoria das colunas é concentrada, em grande parte, nas mãos de poucos articulistas. Esse grupo se torna ainda mais seletivo se aplicarmos o filtro do uso de TEP. Merval Pereira é o recordista, com 22 colunas contendo TEP, das 56 colunas com TEP publicadas por O Globo durante o período – ou seja, sozinho é responsável por quase metade do uso de TEP nas colunas do jornal. Já no Estadão, o articulista que mais utilizou tal prática foi Dora Kramer, com 10 das 46 colunas com TEP publicadas no jornal. Na Folha, de um total de 37 colunas com TEP, Fernando de Barros e Silva anotou cinco e Elio Gaspari quatro.

Ao agregarmos os dados por veículo, concluímos que a prática foi disseminada pelos três jornais, com liderança de O Globo, com 180 textos (39,8% do total), FSP com 146 (32,3%) e Estadão com 126 (27,9%). Ao longo do período da campanha eleitoral o uso de TEP foi distribuído de maneira quase constante, com exceção para o mês de agosto, como mostra o gráfico abaixo:



A maior cobertura midiática dada a alguns episódios parece explicar a elevação do uso de TEP em certos momentos do período eleitoral. Um bom exemplo são as declarações negativas feitas por Índio da Costa, candidato à vice-presidência na chapa de José Serra, sobre Dilma e suas acusações de que o PT teria relações com as Farc - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Em setembro entram na pauta os escândalos de Erenice Guerra e da quebra de sigilo de pessoas ligadas a Serra e ao PSDB, assim como acusações de que Dilma seria favorável à legalização do aborto. Já em outubro a maior ativação parece se dever à continuidade do tema do aborto e ao advento do segundo turno, que em si contribui para o aumento dos ataques entre os dois lados.

No tocante aos temas cobertos pelas matérias que contém TEP, há uma preponderância de acontecimentos que dizem respeito às próprias campanhas. Ou seja, o dia a dia das campanhas ocupa a maioria das matérias. Se somarmos a esses textos aqueles que tratam de política partidária, tal preponderância torna-se ainda maior. Os escândalos contra o PT vêm em segunda posição. Em seguida temos os diferentes temas da administração pública. E em último lugar, com comente três eventos temos os escândalos contra o PSDB.

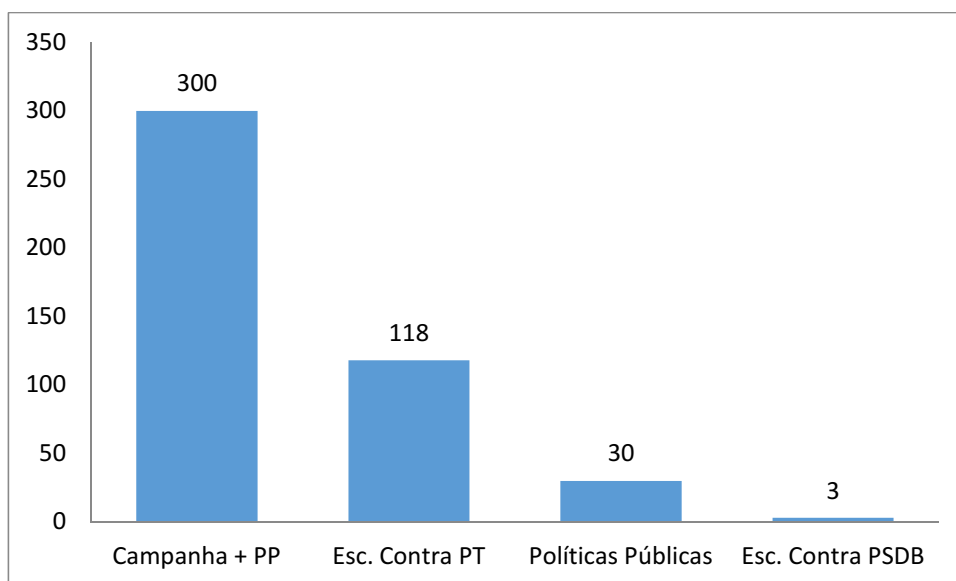


Gráfico 01

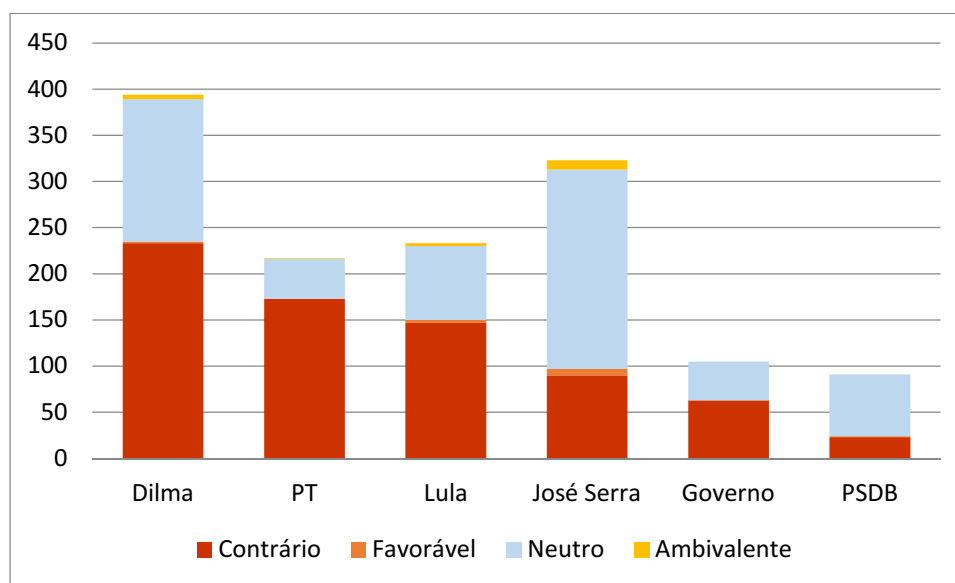
Ao desagregarmos as matérias com TEP sobre políticas públicas, notamos que o tema da saúde ganha precedência sobre outros temas da administração pública, mas isso se deve ao fato de que a questão do aborto, muitas vezes enquadrada como um problema de saúde pública, foi posta em evidência. Outro fato digno de nota é que a acusação de Índio da Costa, classificada no grupo Campanha e Política Partidária, rendeu nada menos que 33 matérias com TEP, ou seja, mais do que 10% do total.

121 matérias versavam sobre escândalos, mas a distribuição delas foi extremamente assimétrica, pois 118 diziam respeito a escândalos onde o PT era acusado e em somente 3 delas o PSDB cumpria esse papel. Quatro escândalos obtiveram maior destaque, sendo que o recordista foi a acusação de quebra de sigilo de pessoas ligadas ao PSDB supostamente feita por militantes do PT, tema de 73 notícias. Houve dois momentos principais. Primeiro surgiu a denúncia de que o sigilo do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge, havia sido quebrado, e depois sobreveio a notícia de que o mesmo havia ocorrido com a filha do candidato do PSDB, Verônica Serra. O segundo escândalo na repercussão midiática foi o caso de Erenice Guerra, ministra da Casa Civil, acusada de participar, com familiares, de tráfico de influências. Tal cobertura gerou 27 textos com TEP. O caso do "mensalão", de 2005, foi relembrando em 18 ocasiões, na maioria das vezes relacionado à violação do sigilo ou ao caso Erenice. O único escândalo danoso à

campanha do PSDB noticiado, o caso de "Paulo Preto", ex-assessor do PSDB chamado Paulo Vieira de Souza que teria desaparecido com dinheiro da campanha do partido, foi citado em apenas três matérias.

Valência

Um dos dados fundamentais para a análise é a valência dos textos em relação a cada ator político. Como é possível observar na tabela 02, abaixo, as valências das matérias em relação aos principais atores políticos em competição são extremamente desbalanceadas, sendo que os atores ligados à campanha do PT (Dilma, PT, Governo e Lula) recebem tratamento acentuadamente mais desfavorável que os da campanha do PSDB (José Serra e PSDB¹).



A tabela 02 nos auxilia a perceber como varia significativamente o emprego de TEP de acordo com o ator político. Primeiro, é fácil concluir que TEP é um artifício do que se chama de propaganda negativa. Ou seja, ele é usado quase sempre para denegrir atores políticos, em textos nos quais não há exaltação de outros autores políticos. Dilma, por exemplo, aparece negativamente em mais da metade das matérias (233 vezes em 451 matérias), estando ausente somente em 57 matérias com TEP. Enquanto isso, o número de Serra é significativamente menor, 90. O mesmo pode ser afirmado da relação entre PT

¹ As valências relativas às referências a Índio da Costa estão aglutinadas com as PSDB.

e PSDB. Textos negativos sobre o partido ou componentes do mesmo são mais de sete vezes menos frequentes do que sobre o PT. Também é importante realçar o número de matérias que tratam Lula de modo negativo, principalmente considerando que ele não era um dos concorrentes ao posto.

No gráfico acima podemos notar claramente o contraste das valências dos textos publicados nos grandes jornais em relação a cada lado da contenda. Dilma tem uma razão entre valências contrárias e neutras que se aproxima de 2:1. Lula é tratado ainda mais desfavoravelmente e no caso do PT a razão ultrapassa 4:1.

Após analisarmos a valências das matérias, é preciso anotar também a quantidade de TEP utilizadas. Há dois dados importantes a ressaltar neste caso, o número de matérias nas quais aparecem TEP, como também a quantidade de eventos de TEP em cada matéria. A tabela 02 mostra o número de matérias que utilizam TEP e a tabela 03 mostra o número de TEP identificadas. Optamos por apresentar dados separados para termos e expressões.

Atores políticos	Termos	Expressões
Dilma	130	80
José Serra	65	14
Lula	59	63
PT	59	96
Governo	9	14
PSDB	19	13

Tabela 03

Atores políticos	Termos	Expressões
Dilma	172	94

José Serra	79	15
Lula	89	85
PT	80	113
Governo	12	25
PSDB	33	14

Tabela 04

A distinção é importante, por indicar que as matérias que usam TEP contra o PT utilizam mais vezes do que contra o PSDB. Os dados mostram que não só há mais matérias com valência negativa em relação ao PT, como também o número de TEP nesses textos é, em média, maior do que em textos sobre o PSDB.

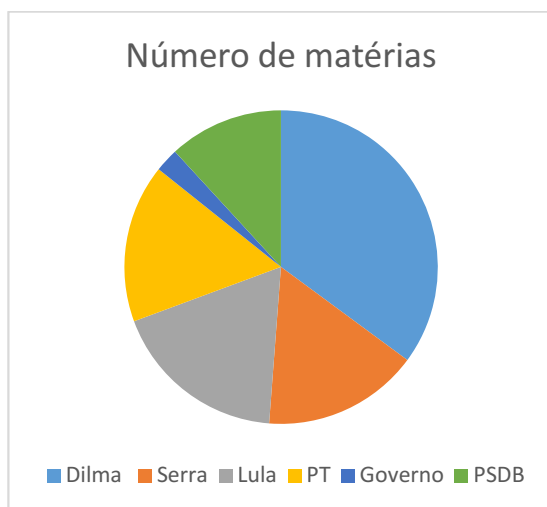


Gráfico 03

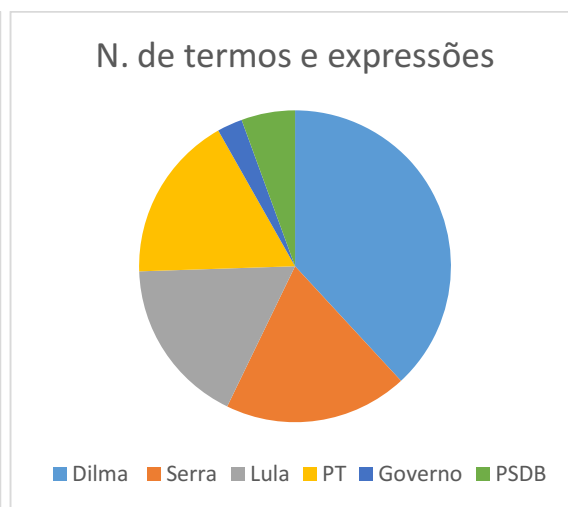


Gráfico 04

Voz direta e TEP

Para compreender o uso de TEP é essencial compreender o emprego da voz direta nos textos, ou seja, quando o redator da matéria cita literalmente algo que uma fonte disse, muitas vezes com o emprego de aspas para denotar tal fato. A voz direta é utilizada em

279 (61,7% das matérias) das 451 matérias. A maioria dos casos isso acontece em artigos, como seria esperado, mas tal uso ocorre também em colunas opinativas. No caso das reportagens chega a representar 87,1% dos casos tratados, como pode ser visto na tabela 03.

Voz direta	Coluna	Editorial	Artigo	Box ou nota	Carta	Total
Sim	16	0	251	12	0	279
Não	123	4	37	1	7	172

Tabela 05

Frente a importância que a voz direta tem, é fundamental sabermos quem está sendo citado e qual o alvo de sua fala difamatória. Dividimos nossa base em três grupos fundamentais. O primeiro é o PT, onde estão incluídos Dilma, Lula, presidente e parlamentares do partido e da base aliada. O segundo grupo é o PSDB, onde estão Serra, Índio da Costa, presidente e parlamentares do partido² e da oposição³. O terceiro grupo é composto por Marina Silva e pessoas não ligadas diretamente à política ou pertencentes a outros partidos concorrentes. A tabela 05, apresenta tais dados. É importante ressaltar que algumas vezes há mais de uma declaração pejorativa por matéria, logo o número de eventos não fica limitado pelo número de matérias que usaram voz direta.

Quem fala / Sobre quem se fala	Dilma	Serra	Lula	Índio	PT	PSDB	Governo	Total
Dilma	0	21	0	0	0	3	0	24
Serra	48	0	7	0	46	0	5	106
Marina	6	3	1	1	0	1	0	12
Lula	0	10	0	0	0	6	0	16
Índio	8	0	0	0	15	0	0	23
Presidente do PT	0	2	0	2	0	2	0	6
Presidente do PSDB	2	0	5	0	7	0	1	15

² Foram incluídos no termo ‘parlamentares do PSDB’ declarações do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e frases utilizadas na campanha peessedebista que o jornal transcreveu.

³ Foram incluídos no termo ‘parlamentares da oposição’ declarações de psolistas, entre eles o candidato Plínio. Essa decisão se deve à baixa participação do candidato nas declarações publicadas, logo elas foram tomadas em conjunto com as de membros do seu partido do legislativo.

Parlamentar do PT	0	10	0	8	0	3	0	21
Parlamentar do PSDB	10	0	11	0	14	0	1	36
Parlamentar da base aliada	0	5	1	0	2	1	0	9
Parlamentar da oposição	8	1	7	0	2	1	0	19
Pessoas não ligadas à política	11	7	5	0	11	1	2	37
Total	93	59	37	11	97	18	9	324

Tabela 06

Como os números indicam, Serra teve significativamente mais declarações publicadas do que Dilma, 106 contra 24. Em segundo lugar em número de declarações está o grupo ‘parlamentares do PSDB’, que embora englobe diferentes pessoas, seus comentários pejorativos têm em geral os mesmos alvos dos de Serra.

Nas colunas descobrimos que o alvo mais atacado foi o próprio PT e não Dilma, que vem em segundo lugar, ainda que seus números sejam próximos, 97 e 93, respectivamente. Serra é o terceiro mais atacado, com 59 menções de TEP, e está mais próximo de Lula, em quarto com 37, do que de sua contendora na eleição. Dilma e realizados por Serra, enquanto o maior número total de declarações é contra o PT, seguido por Dilma. Portanto, novamente, perceptível como houve maior espaço midiático para ataques desferidos a candidatura de Dilma do que aquela realizadas contra Serra. Outra observação significativa é que Lula tenha tido mais espaço do que Marina, mesmo sendo uma presidenciável que teve votação expressiva. Se unificarmos nos três grupos propostos anteriormente, fica ainda mais clara a diferenciação, como visto na tabela 06 e gráfico 05 abaixo.

Quem fala/Sobre quem se fala	Grupo PT	Grupo PSDB	Total
Grupo PT	4	61	65
Grupo PSDB	167	4	171
Outros	33	9	42
Total	204	74	278

Tabela 07

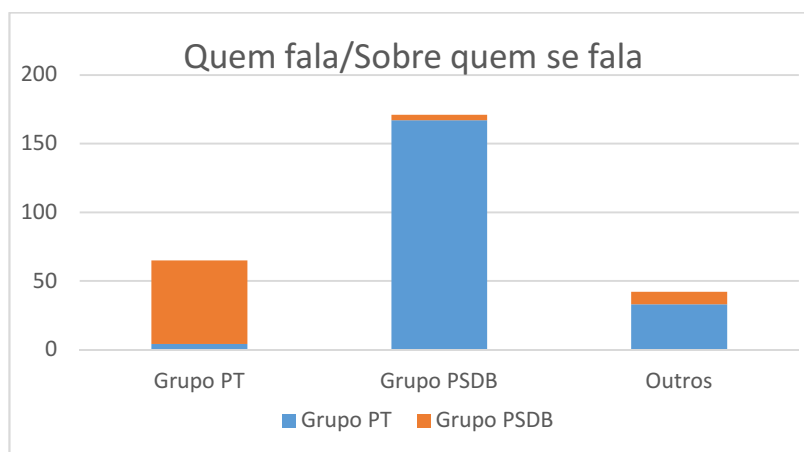


Gráfico 05

Como pudemos ver através das diferentes informações tragas sobre formato, veículo, período, temas principais, valência, contra quem TEP foram usar e como a voz direta foi utilizada já demonstram como a cobertura dos jornais não foi imparcial e neutra como afirmaram no início da campanha como seria. Todavia o estudo quantitativo das matérias não é o suficiente para demonstrar como essa cobertura enviesada ocorreu, é necessário o estudo qualitativo de como cada ator político foi tratado, quais características são mais ressaltadas e quais casos seus nomes foram relacionados.

Dilma Rousseff

A candidatura de Dilma pode ser resumida em adjetivos que foram dados a ela tanto pelos próprios escritores dos jornais quanto por seus adversários. Como já foi afirmado, há uma diferença considerável em quantas vezes Dilma pode falar e quanto se falou dela. Afirmações sobre presidenciáveis alcançam números absurdos, afinal são entrevistas e campanhas diárias, muito será afirmado entre os adversários, logo é pertinente sabermos a quem os jornais estão ‘escutando’ e dando destaque.

Entre os cinco termos que mais foram utilizados para caracterizar a então candidata três deles foram ditos principalmente por opositores. Eles foram: “esfinge do pau oco” (nove vezes), “duas caras” (sete vezes) e “envelope fechado” (cinco vezes). Um caso interessante foi a definição de “inventada” que foi utilizada tanto por jornalistas quanto por peessedebistas, nove vezes e cinco vezes respectivamente. Porém nenhuma dessas definições teve tanto espaço quanto “criatura”, 15 vezes publicadas em colunas.

A suposta inexperiência da candidata foi a temática mais recorrente como é possível perceber pelos termos recorrentes. Os repórteres a acusaram de se “esconder” (Luiza Damé, O Globo, 05/07) atrás de Lula por causa de sua “inexperiência” (Gerson Camarotti, O Globo, 06/07). Essas supostas características foram tão reforçadas que após sua chegada ao Planalto, Dilma deveria provar que se conseguiria governar sem Lula que a “inventou como candidata” (Gustavo Alves, O Globo, 03/10).

Serra, como já era esperado, é o principal crítico com afirmações sobre a candidata estar “perto da inexistência política” (Italo Nogueira, FSP, 11/09), que é “cachorrinho” (Estadão, 08/07) ou que faz “jogo sujo” (Silvia Amorim, O Globo, 26/10) com aparelhamento do Estado para ganhar eleições. Sendo suas principais declarações sobre ela ser ter “duas caras” e “envelope fechado”, que estão também entre os termos mais usados no geral contra ela.

Índio da Costa teve espaço após diferentes declarações polêmicas sobre seus opositores como quando afirmou que Dilma é “esfinge do pau oco” (O Globo, 22/07) e “ateia” (Plínio Fraga, FSP, 02/10). Já o presidente do PSDB, Sérgio Guerra, a acusou de “usurpar” (Leila Suwwan, O Globo, 20/08) as conquistas do governo de Lula, declarando em outro texto que, já que Dilma “não tem biografia, tem de se apoiar no padrinho” (Ana Paula Scinocca, Estadão, 18/10). Até mesmo a esposa de José Serra, Monica Serra, teve destaque nos ataques ao afirmar, em relação a questão do aborto, que Dilma “é a favor da morte de criancinhas” (FSP, 11/10)

A candidata também é alvo de críticas por sua personalidade e pelo “temperamento até bem pouco tempo atrás explosivo” (O Globo, 04/08). Repetidas vezes dizem que “reage com ironia” (Flávio Freire, O Globo, 05/08) ou “irritada” (Chico Otavio, O Globo, 08/08) a perguntas realizadas por repórteres. Também declaram que tais características deram lugar a uma aparente personalidade mais branda do que seu comportamento frente à Casa Civil, em uma alusão clara à suposta manipulação da imagem da candidata com fins eleitoreiros.

No caso de expressões pejorativas, as temáticas continuam as mesmas e através de declarações de seus adversários. Serra e os aliados defendem que “a candidata petista foi forjada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e não tem experiência nem capacidade para enfrentar o confronto aberto de ideias e programas” (Gerson Camarotti, O Globo,

03/07). Seu caráter também é colocado em dúvida quando um parlamentar da oposição afirma: "Dilma é cara de pau. Quem tem compulsão por mentir, como faz ao longo do tempo, é ela." (Leila Suwwan, O Globo, 01/09).

Demétrio Magnoli (Estadão, 08/07) chega a criar uma estória para explicar o processo da escolha de Dilma, de modo francamente depreciativo: "Vai ficar um vazio nessa cédula e, para que esse vazio seja preenchido, eu mudei de nome e vou colocar Dilma lá na cédula", explicou Lula, cuja estratégia não é definida por marqueteiros. Segundo FHC (01/08) a vitória de Dilma se deveria totalmente a Lula, já que ela não teria o que é necessário, como afirmado anteriormente, afinal "falta história nacional, falta clareza nas posições; dá a impressão de que a palavra saiu de um manequim que não tem opiniões fortes sobre os temas e diz, meio desajeitadamente, o que os auditórios querem ouvir."

Uma acusação constantemente utilizada é de que Dilma não tem pensamentos próprios, como quando Serra alega que "Não saio de manhã e o marqueteiro me diz 'hoje você fala mal do MST, hoje você fala bem do MST'. Ou então: 'hoje você defende juro siderais, amanhã você defende redução de juro'" (Maurício Simionato, FSP, 08/07). O presidente do PSDB, Eduardo Jorge, reafirma a ideia: "A Dilma não tem a menor condição de liderar este país ou coisa nenhuma. O povo não é bobo. A ideia deles é: 'Vamos esconder a Dilma e enganar o povo'. Nós temos um candidato e um projeto. Eles têm uma fraude". (Folha, 20/07).

As mudanças de aparência de Dilma foram tratadas com ironia. Questionam que as mudanças físicas mostrem as mudanças de personalidade, "maquiada, penteada e produzida pelo comando de sua campanha, ainda não mostrou a verdadeira face" (Carlos Alberto Di Franco, Estadão, 26/07). As passagens denotam falta de autenticidade da candidata e/ou a impropriedade moral da produção visual do candidato em suas aparições públicas. Tais comparações não são realizadas com os outros candidatos, José Serra e Marina Silva.

No primeiro dia da campanha eleitoral, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dá o tom em artigo publicado em 04/07: "A encenação para a eleição de outubro já está pronta. Como numa fábula, a candidata do governo, bem penteada e rosada, quase uma princesinha nórdica, dirá tudo o que se espera que diga, especialmente o que o "mercado" e os parceiros internacionais querem ouvir." Em suma, a cobertura dos três jornais se

esforça por relacionar as mudanças físicas da candidata à sua personalidade, sempre de forma negativa.

As colunas seguem a mesma linha de pensamento, assim mostrando uma correlação de pensamento da oposição e os colunistas. O foco sobre sua suposta inexperiência, o que a faria ser controlada pelo PT e, principalmente, por Lula. Por isso taxam-na de personagem de “ficção” (Fernando de Barros e Silva, FSP, 27/09), “fantoche” (Gaudêncio Torquato, Estadão, 18/07), “fantasia” (Dora Kramer, Estadão, 25/08), “manequim” (Fernando Henrique Cardoso, Estadão, 01/08), “poste” (Ancelmo Gois, O Globo, 07/08), “inventada” (Rolf Kuntz, Estadão, 08/07), “laranja eleitoral” (Merval Pereira, O Globo, 14/09) e outros adjetivos.

Além de insistir na influência de Lula sobre a candidata, a cobertura sugere que um eventual governo Dilma seria como o terceiro mandato dele. É recorrente a ideia de que a campanha dela foi um “capricho”, já que ela é uma candidata “tirada da cartola” (Merval Pereira, O Globo, 22/10). Ela é apresentada como a alternativa de Lula frente a impossibilidade de conseguir a mudança constitucional para mais um mandato. Dilma seria então seu “pseudônimo eleitoral” (Demétrio Magnoli, Estadão, 02/09) ou uma ‘candidata postiça’. A suposta falta de personalidade de Dilma é afirmada tão repetidamente que a jornalista Eliane Cantanhêde (FSP, 10/09) se permite escrever “Lula, ops!, Dilma” ao discutir política externa.

Dilma não é só considerada inexperiente e controlada por outrem, como também despreparada para ocupar o cargo, por que não tem habilidade para ser política. Assim é chamada de “robô” (Fernando de Barros e Silva, FSP, 02/10), e de ser “absolutamente desprovida de magnetismo e propensão ao diálogo” (Guilherme Fiuza, O Globo, 04/09). Jornais como a Folha (17/10) e O Globo (31/10) utilizam o termo “neófito” para descrevê-la, enquanto relembram que ela nunca “pediu por um voto”.

Luiz Inácio Lula da Silva

Lula foi uma figura central na primeira eleição que não concorreu a eleição, como os jornais gostaram de lembrar constantemente. O tópico principal envolta de sua figura foi sua participação na campanha, a qual foi classificada como de “cabo eleitoral” pelos colunistas 12 vezes, o maior número entre as 89 utilizadas contra ele. Em seguida veio a definição de “chefe de facção”, 12 vezes, utilizada primeiramente por Fernando Henrique

Cardoso e repetida por outros peessedebistas. A terceira mais utilizada, “Nosso Guia”, foi escrita quatro vezes, todas as vezes na Folha.

Embora não tenha tido um termo que se destaque, Lula foi classificado repetidas vezes como antidemocrático. Opositores o classificaram como “general” (Isonilda Souza, O Globo, 17/07) por que “quer o poder absoluto” (Estadão, 15/09) e instaurar uma “república sindicalista” (Samantha Lima, FSP, 16/07), realizando isso através de “práticas nazistas” (FSP, 15/09).

Ele foi acusado de estar “desafiando” (Luiza Damé, O Globo, 14/07) a Justiça Eleitoral por “abusar do poder” (FSP, 15/07). Também foi dito que o seu “discurso” era “político agressivo” (O Globo, 31/07), já que usou “tom duro” (Cristiane Jungblut, O Globo, 08/09) contra os adversários. Como no caso de Dilma, grande parte dos termos pejorativos provém da boca de membros da oposição. A partir do o escândalo na Receita Federal, em setembro, Guerra declara que “Lula tem discurso mentiroso” (O Globo, 09/09). Serra compara como os dois lidam com a oposição, ao afirmar que não os trata como “inimigo a ser destruído” (Hélio Araujo, FSP, 24/10).

Lula, como no caso dos termos, é criticado pelos opositores e pelos repórteres, principalmente por causa de sua atuação na campanha. Outra temática que aparece é sua relação com a mídia e com adversários. O senador Tasso Jereissati, por exemplo, comparou a forma de Lula atuar a forma de líderes históricos totalitários: “Ele (Lula) não convive com o adverso. Não convive com a oposição. Quer a unanimidade, está esquecendo que isso é uma democracia e saiu agredindo as pessoas. [...] O problema é que quando se joga essa popularidade num regime fascista, e a favor de extirpar qualquer tipo de oposição... Aí temos a república sindicalista chavista-lulista no Brasil” (Isabela Martin, O Globo, 16/09).

Sua personalidade também foi questionada pela sua atuação na campanha, já que foi acusado em diferentes momentos de realizar o que fosse necessário para manter seu partido no poder. Como indica o pensamento de FHC: “Hoje ele é um homem soberbo, que gosta do poder. E a gente sabe que o poder é fugaz, é passageiro. O ego dele está muito inchado.” (Estadão, 18/10). Já Eduardo Jorge afirma que “ele se considera um Deus. Se não Ele próprio” (Julia Duailibi, Estadão, 15/10).

Importante realçar como Lula tem tanto espaço nos artigos opinativos quanto a candidata de seu partido. O motivo principal é por sua atuação durante a campanha, sobre a qual ele “pairava” (O Globo, 13/08) com sua influência. As críticas o consideravam um “ativo e poderoso cabo eleitoral” (FSP, 16/07) e “boneco de corda, repetindo: Dilma, Dilma, Dilma” (FSP, 22/07). Se a visão sobre sua atuação é negativa, não é surpresa que os jornalistas considerem a definição de Dilma como candidata um simples “dedazo” (Roberto Freire, FSP, 25/08), o qual foi aceito após “um ato de vontade imperial” (Estadão, 15/07) de Lula para viabilizar sua “sexta campanha” (Pedro Malan, Estadão, 12/09).

Em três diferentes matérias no Estadão, a articulista Dora Kramer trata do então presidente. A atitude de Lula foi definida como “ausente de escrúpulos” (11/07) e marcada por uma “obsessão por unanimidade” (15/09). Ele foi acusado de “distorcer a realidade” e de planejar “atuar como presidente” (08/09). Um dos motivos constantemente citados para justificar tal leitura seria o fato de ele estar “inebriado” (O Globo, 21/09) com sua popularidade, supondo assim que a maioria o apoiaria. Marco Antonio Villa (O Globo, 13/07) declara ser irônico que o então presidente tivesse o apoio dos intelectuais, já que ele sempre “desdenhou do conhecimento, da leitura e reflexão”.

E isso supostamente se deve à personalidade de Lula que, “inebriado pelo sucesso, deixa à mostra sua grande fera: a obsessão pela unanimidade que se traduz em vocação para o totalitarismo” (Dora Kramer, Estadão, 15/09). Também o chamam de “Sua Excelência” e complementam o impropério dizendo que “se imagina pairando acima do bem e do mal, sem a menor preocupação de manter um mínimo de coerência com sua própria história política e um mínimo de respeito pelo decoro exigido pelo cargo para o qual foi eleito” (Estadão, 14/09).

Lula também é acusado nos textos opinativos de “tripudiar os adversários” (Eliane Cantanhêde, FSP, 08/10) e destruir a “individualidade e a criatividade de seus companheiros de partido” (FSP, 10/09). Dora Kramer dá o tom ao apresentar uma lista de vícios de Lula nas páginas do Estadão (21/09):

Falar todos os dias para registro dos meios de comunicação; dizer o que cada público gosta de ouvir sem compromisso com a coerência ou realidade; não enfrentar contenciosos; agradar malfeitores que poderiam ameaçá-lo; distribuir benesses sem

pensar nas consequências; passar por cima de tudo, inclusive da lei; aniquilar o que ou quem lhe possa fazer sombra, nunca valorizar atributos que não sejam os próprios e jamais firmar pacto eterno com a verdade.

2.3 Partido dos Trabalhadores

Se houve diferentes características dadas a Dilma e Lula, o mesmo não pode ser afirmado sobre o PT. A temática recorrente sobre o partido se deu por um suposto “projeto antidemocrático de poder”. Tanto que isso levaria os partidários a tomarem qualquer medida para garantir a eleição, entre ela a criação de dossiês sobre peessedebistas. Para isso criaram um “grupo de inteligência” como afirma os opositores sete vezes. Também são “profissionais da mentira” e “jogam sujo” como foi afirmado três vezes para cada um dos termos. Outro termo usado em quatro diferentes momentos foi “partido da morte” declarado por um religioso sobre a questão do aborto.

Com a discussão sobre o aborto, alguns bispos distribuíram panfletos declarando que as políticas do partido são “decretos preparatórios para um regime ditatorial” (Maria Lima, O Globo, 08/10) e que a forma de fazer política petista baseia-se na “demagogia para ganhar voto, [pois] já é a ditadura que está no horizonte” (Adriana Vasconcelos, O Globo, 08/10), e que “o PT é o partido da morte” (Andréa Michael, FSP, 24/10).

Como ocorreu nos casos anteriores, os termos pejorativos apareceram principalmente através de declarações dos opositores do PT. Serra criticou recorrentemente o partido, seja acusando-o de atentar contra a liberdade de expressão, “vivem querendo coagir a liberdade de imprensa no Brasil” (Cristiane Hungblut, O Globo, 26/08) ou dizendo que seu governo, “tem características de ocupação militar” (Fábio Vasconcellos, O Globo, 28/08). Já o presidente do partido, Sérgio Guerra, afirmou que o PT faz “guerrilha da mentira” (Julia Duailibi, Estadão, 28/07) e o deputado Jutahy Junior afirma que o partido pratica “coronelismo eletrônico messiânico.” (Luciana Leal, Estadão, 19/08).

Ao comentar escândalos como o Eunicegate e o Fiscogate, termos em si criados pela mídia, Serra afirmou que: “PT é responsável pela corrupção e ineficiência dentro de estatais e agências reguladoras” (Flávio Freire, O Globo, 24/07). O aliado Jutahy Júnior (DEM-BA) critica o suposto uso da máquina estatal para favorecer a Dilma: “Estamos enfrentando a maior orgia publicitária, em que o governo usa sua estrutura, o dinheiro do

contribuinte e dos acionistas das estatais, para fazer campanha para o PT” (Estadão, 03/07).

A associação entre o PT e o governo totalitário é constante, como já afirmado, como no caso do comentário feito por Serra quando foi atingido por uma bolinha de papel, evento que não mereceu um rótulo pejorativo na grande mídia: “Isso é organizado por profissionais da mentira e da violência. Eles fazem isso no piloto automático. É uma tropa de choque que lembra as tropas de assalto dos nazistas. Um comportamento muito típico de movimentos fascistas.” (Fabio Brisolla, O Globo, 21/10). Também em outro momento, Serra (Estadão, 07/09) afirma:

Com isso pode fazer ladroagem, violência, afrontar direitos individuais, porque a moral que vale é a do partido - a essência do bolchevismo e do fascismo. O bolchevismo pelo menos tinha a utopia da igualdade. (...) o estilo e as características de atuação do PT convivem com a democracia, mas não convivem bem, convivem com desconforto. Porque, no fundo da alma e às vezes até na superfície, os petistas não são democratas.

No caso das colunas, é questionado recorrentemente sobre a sua ética e estrutura partidária. Dizem que ele é imbuído da “ética da luta sindical: contra eles, não pode, é escândalo; contra os outros, sempre pode tudo” (Eliane Cantanhêde, FSP, 13/08). Sobre o governo petista, um texto afirma que é “uma organização criptostanilista nos modos e na estrutura” (Fernando Rodrigues, FSP, 08/09) que “solapa as instituições do país” (Merval Pereira, O Globo, 15/09).

Em artigo para o Estadão, FHC (04/07) se utiliza do caso histórico do PRI no México para exemplificar o que estaria ocorrendo nas eleições com a liderança petista:

No México do PRI, cujo domínio durou décadas, o presidente apontava sozinho o candidato a suceder-lhe, num processo vedado ao olhar e às influências da opinião pública. No entanto, quando a escolha era revelada ao público - "el destape del tapado" -, o escolhido via-se obrigado a dizer o que pensava. Aqui, o "dedazo" de Lula apontou a candidata. Só que ela não pode dizer o que pensa para não pôr em risco a eleição. Estamos diante de uma personagem a ser moldada pelos marqueteiros. Antigamente, no linguajar que já foi da candidata, se chamava isso de "alienação".

Em outro artigo opinativo do Estadão (24/08) que trata da possibilidade de um PRI brasileiro:

Desenha-se, enfim, um cenário sombrio em que a política se limitaria aos jogos de poder, com os sórdidos lances habituais, dentro da coalizão hegemônica. Estarão criadas as condições para o surgimento de uma versão brasileira - com duas faces, a do PT e a do PMDB - da "ditadura perfeita" vivida pelo México décadas a fio sob o controle do PRI, o Partido Revolucionário Institucional.

Governo petista

A diferença realizada entre PT e governo pode ser vista entre as diferentes declarações feitas. Enquanto se acusa a atuação do PT sobre como age quando está no poder no sentido de aparelhamento de estado, a parte de governo se trata sobre as realizações e atuações sobre acontecimentos durante a campanha.

Por exemplo, o governo foi considerado “pífio” (Cristiane Jungblut, O Globo, 14/08) em certas áreas e “incompetente” (O Globo, 13/08), e sobretudo por ser supostamente aparelhado pelo PT. Peessedebistas criticaram em diferentes momentos, principalmente por causa do ‘Fiscogate’ (como foi denominado pelos jornais), após a quebra de sigilo a pessoas ligadas ao partido. As críticas principais foram de que a Receita Federal não agiu com rapidez suficiente e de que a “leveza da punição são perturbadoras” (Míriam Leitão, O Globo, 10/07). Esse caso também levou a críticas sobre o governo “recorrer a factoides” (Silvia Amorim, O Globo, 11/08) para justificar os acontecimentos.

As colunas mantém a mesma linha crítica, tanto que Jânio de Freitas (FSP, 19/09) afirma que: “O que levou a comissão a sê-lo também merece investigação. Se foi relapsa, não há por que sobreviva ou, pelo menos, permaneça tal qual é. Se acovardou-se, ou se foi ‘companheira’ da ministra”. Ou quando se refaz no Estadão (13/07) a atuação governamental no governo de Lula:

Antes fosse paranoia. No governo Lula sobram precedentes do uso da máquina pública em jogadas torpes. Foi na Casa Civil comandada por Dilma Rousseff que se levantaram os gastos pessoais do presidente Fernando Henrique e de sua mulher, a pretexto esfarrapado, depois que este jornal revelou a farra das despesas com cartões corporativos na gestão do seu sucessor. Isso para não falar na participação do titular e de servidores da

Caixa Econômica Federal na violação do sigilo bancário do caseiro que tivera a temeridade de revelar as incursões do então ministro Antonio Palocci a uma casa de má fama em Brasília. Foi também para isso que o lulismo aparelhou o Estado.

José Serra

Como era de se esperar frente a parcialidade apresenta com exemplificações anteriores, a maior parte dos elementos pejorativos contra Serra foram falas de opositores e em textos não centrados nisso. O termo mais utilizado foi “mil caras”, que apareceram seis vezes, foi uma resposta de Dilma a sua acusação dela ter “duas caras”. Em seguida foi a afirmação de Lula de que cometia “baixaria”, repetida três vezes, quando houve respostas mútuas sobre o nível da campanha.

Dos termos usados em artigos, somente quatro são escritos pelos autores e todos se devem a sua personalidade ou trato. Como por exemplo, a forma “ríspida” (Ilimar Franco, O Globo, 15/07) que critica sua própria equipe, ou “irritado” (Breno Costa, FSP, 16/09) por notícias nos jornais criticando o seu segundo programa de governo. Sua relação com os repórteres são tema de matérias que retratam o “diálogo ríspido” (O Globo, 16/09) que o candidato teve por causa de perguntas que não o satisfez.

As críticas dos petistas são variadas, como a acusação de que o peessedebista “mente” (O Globo, 21/07) sobre suas realizações como ministro no governo de Fernando Henrique Cardoso. A questão de seu temperamento reapareceu também nas críticas de petistas, que o classificam como “troglodita” (Catia Seabra, FSP, 30/07), “presunçoso” (Estadão, 08/07) ou “destemperado” (Nelson Vasconcelos, O Globo, 24/07). Lula e Dilma também o criticaram diretamente por representar a “direita mais raivosa” (FSP, 29/09) e usar “calúnias e leviandades” (Bernardo Franco, FSP, 02/09) para influenciar no rumo da disputa eleitoral.

A maioria das expressões contra Serra são declarações de petistas sobre sua atuação na campanha, como a afirmação de Dilma” “Não faço campanha do submundo, não divulgo panfletos apócrifos nem mentiras eleitorais.” (Leila Suwwan, O Globo, 21/10). Exceção feita à crítica recebida do jornalista Jorge Bastos Moreno (O Globo, 09/08) por fazer aliança com o DEM e ao mesmo tempo ter relações conflituosas com o presidente do partido:

É totalmente esquisito um candidato à Presidência da República ter uma aliança com um partido e ser rompido com o presidente desse partido. Em se tratando de Serra, isso é possível porque isso é Serra. ‘Nada que vem de Serra é esquisito, além dele mesmo’, costumava brincar o ex-presidente FH.

Há poucas críticas nas colunas igualmente, sendo a maioria, como nas reportagens, sobre seu temperamento, quando apontam para seus “modos hostis” (FSP, 12/10). E no final da campanha, após criticar as promessas de campanha de Serra e seus ataques contra a petista, o jornalista Fernando de Barros Silva (FSP, 27/09) afirma que ele é o avesso da Dilma, pois ambos usam uma máscara, mas não se sabe qual o rosto anterior dela, enquanto o dele é conhecido.

Índio da Costa

A participação de Índio na campanha que recebeu destaque ocorreu após suas declarações de uma ligação entre PT e as Farc. Todos os termos contra ele foram respostas petistas a esse comportamento. Ele foi classificado como “idiota” seis vezes, “despreparado” e “desqualificado” três vezes cada um. O presidente do PT, José Eduardo Dutra, foi o principal defensor de seu partido classificando Índio de “candidato improvisado” e “despreparado” (Cristiane Jungblut, O Globo, 19/07), já Paulo Bernardo, então ministro do Planejamento, o chamou de “idiota” (FSP, 20/07). Esse foi o único momento, entre os dias 19 e 22 de julho, no qual a participação de Índio despertou interesse dos jornais.

Partido da Social Democracia Brasileira

O PSDB recebeu pouca atenção, sendo seu nome usualmente ligado a declaração de seus próprios políticos. Declarações negativas foram feitas por diferentes adversários, como quando Marina da Silva criticou o partido conjuntamente ao PT ao considerar que o que estão realizando é “um plebiscito da baixaria” (Sérgio Roxo, O Globo, 29/07). Já Chico Alencar, do PSOL, também aparece criticando os dois partidos ao afirmar que “é o roto falando do esfarrapado” (Ilimar Franco, O Globo, 02/09).

As críticas contra o PSDB focaram em sua atuação na campanha, como quando Dilma comparou os anos na oposição com a postura agora adotada e declarou que o partido “quer ser lobo em pele de cordeiro” (Maria Lima, O Globo, 29/07). Lula foi um dos

maiores críticos acusando a oposição de realizar “baixarias” (Gerson Camarotti, O Globo, 09/09) e de ser uma "elite rabugenta" (Leôncio Nossa, Estadão, 17/09).